

Festival do Rio
Bruno Barreto diz que 'Última parada 174', que abre a mostra hoje, é "o filme da sua vida" **B2**



Maclean Luiz
Crítico teatral aponta fragilidades narrativas nas peças 'Cordélia Brasil' e 'Monstra' **B3**

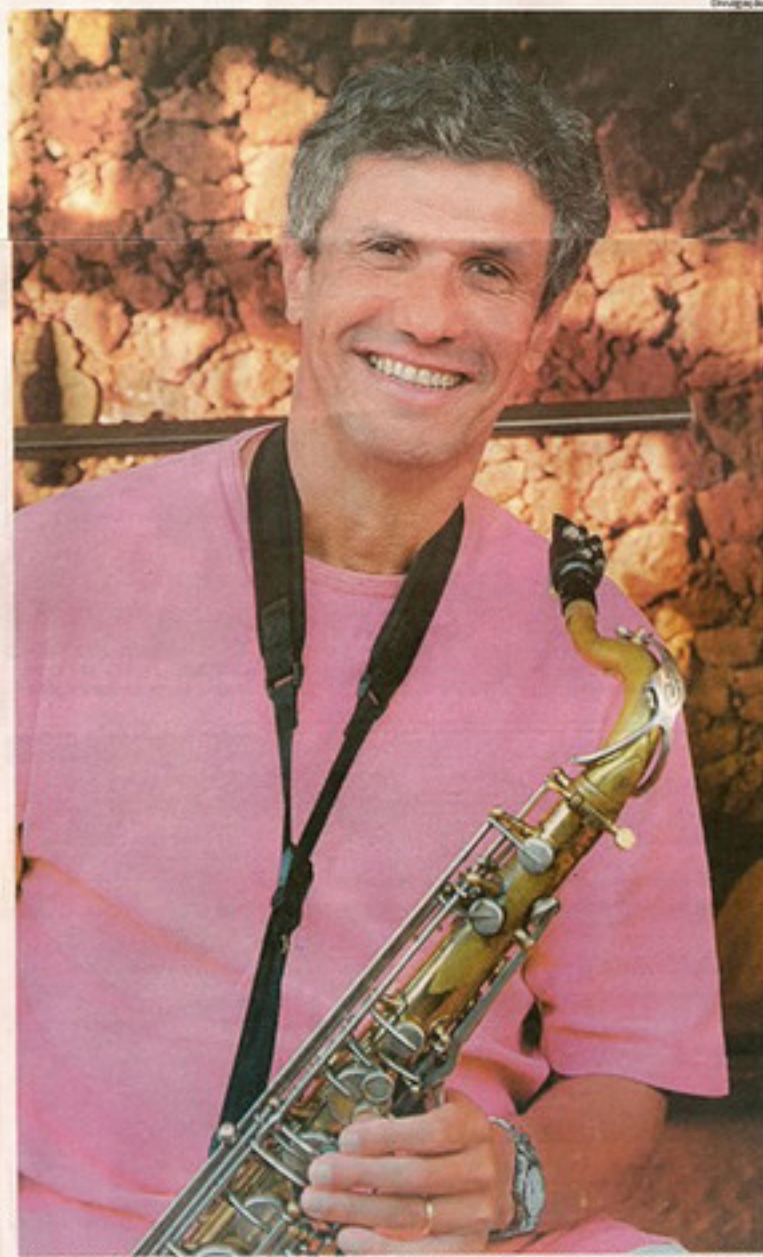


Heloisa Tollpan
O tributo a Waly Salomão, com Jards Macalé, Adriana Calcanhotto e Omar Salomão **B8**

Parceiro de Samuel Rosa em hits como 'Garota Nacional', Chico Amaral lança primeiro disco solo, mas não abandona o Skank: fez seis letras para o CD novo do grupo

Mais jazz, menos pop

Divulgação



CHICO AMARAL - Músico desdenha papel de 'hitmaker': "Sinto-me um cara velho, nunca me aproximei de 'Bommas'"

Ricardo Schott

As 56 parcerias gravadas pelo Skank — entre elas hits absolutos como *Garota Nacional*, *Indignação*, *Te ver* e *Jackie Triquila* — tornaram o nome de Chico Amaral indissociável do grupo mineiro (no qual tocou saxofone até 1998) e de seu parceiro mais frequente, o vocalista Samuel Rosa. A pegada pop que ajudou o Skank a ser a primeira banda dos anos 90 a ultrapassar a barreira do milhão de cópias vendidas, com *Calango* (1994) e *O samba Peconil* (1996), no entanto, não norreia a carreira do músico e compositor belo-horizontino, que aposta no jazz e na sua fusão com o samba para conduzir seu primeiro disco solo, o independente e instrumental *Singular*, gravado no ano passado e que chega às lojas agora.

—O Skank é sensacional. O Samuel me inspirou numa música do disco, *Boda*, na qual ele canta e o Lelo Zanetti (baxista do grupo) toca. Mas hoje estamos em trilhas diversas — justifica Amaral, autor de seis letras do próximo disco do Skank, *Estadão*, que sai em outubro. — Samuel diz que todo soa. Toquei várias vezes com o Skank para esse público, mas hoje estou contente em me apresentar para 80, 90, 100 pessoas.

'Hitmaker' incerto

Com o tempo, Amaral passou a dividir Rosa com vários outros parceiros, como Nando Reis, Rodrigo Leão e Lô Borges, sempre presentes nos álbuns do Skank.

—Tenho uma história substancial com o Skank. Mas somos livres em relação um ao outro. Nem sei se vou ser chamado a cada disco — diz Amaral, que diz não saber se o papel de hitmaker lhe cabe. — Sinto-me um cara velho. Fico na minha, nem sei se tenho capacidade de trabalhar em música com coisas de interesse geral. Nunca me aproximei de fórmulas, sempre fiz do meu jeito. Sempre me disseram que canções como *Garota Nacional* tinham coisas esquisitas, por causa daquele verso que tem a palavra "indefectível".

O passado de Amaral aponta para a diversificação. Na adolescência, tocava choro na noite mineira com o grupo Naquele Tempo, do qual era violonista. Com eles, chegou a executar com Altamiro Carrilho ("Meu ídolo, queria ser como ele", diz) e Cartola. Depois, passou a dedicar-se à poesia, inspirado por, entre outros, Bob Dylan. No fim dos anos 80, como guitarrista tocava música pop na área boêmia de Belo Horizonte. As primeiras parcerias com Samuel Rosa, também músico da noite de Minas, vêm daí. Amaral recebeu uma fita com composições do novo amigo, que mantinha, na era pré-Skank, a banda Posso Alto, e lhe enviou algumas letras que tinha feito.

—Amaral era uma referência em Minas nessa época. Assim que montamos o Skank ele se interessou pela banda, por causa da nossa verve brasileira — diz Rosa, desejando o melhor para o amigo. — Ele tem que gravar mais. Espero que ele continue nos apresentando

B



“

Já toquei para 5 mil, mas hoje estou contente em me apresentar para 80, 90, 100 pessoas

com mais álbuns solo e que não se esqueça de mim, né?”

Singular veio da necessidade que Amaral tinha de mostrar obras suas que estavam engavetadas. O compositor deixara de excursionar com o Skank em 1998, pouco tempo antes de os metais deixarem de frequentar os estúdios da banda (a partir de *Mapas para o Mundo*, de 2000) e pôs-se a tocar jazz em BH.

—Quis desenvolver mais meus trabalhos. Meu período de estudo é recente. Pensei a tocar piano, a escutar bastante Wayne Shorter, Duke Ellington. Antes, tocava com meus colegas em BH e achava que eles estavam mais adiantados do que eu — brinca, humilde.

Antes de *Singular*, Amaral já havia feito um CD ao lado do músico mineiro Flávio Henrique, *Livramento* (2002), e uma trilha para balé do grupo Corpo, *Idendade* (2005), além de um DVD ao lado de Flávio e da cantora Marina Machado, *Hotel mananhã* (2006). Agora, o músico diz estar perto do que deseja.

—Hoje sei o que quero fazer com o saxofone. E quero tocar para pessoas que curtam o instrumento — diz ele, que vê seu disco como um produto pop qualquer. — Duke Ellington e Tom Jobim são música pop também. Na música nunca houve nenhum Van Gogh.

» Nas lojas

Singular
Chico Amaral. Independente. R\$ 25.